

A ATLÂNTIDA PLATÔNICA: UMA PAISAGEM EM CRISE

Carlinda Fragale Pate Nuñez (UERJ)
nunez@unisys.com.br

O mito da Atlântida é apresentado de forma fragmentada, no *Timeu* (17a-25d) e no *Crítias* de Platão, como uma paisagem complexa, na qual um sistema de signos (DUNCAN *apud* CORRÊA e ROSENDHAL, 2004) se entrecruza com questões que ultrapassam a fisicidade do espaço configurado e com o processo social que ali tem lugar. Por isso a interpretação da paisagem imaginada tem de levar em conta a natureza da objetivação (trata-se de um mito ou de um pastiche da realidade?), da representação (poesia ou filosofia política?), da ideologia e da relação entre esses aspectos, no sistema cultural em que eles brotam.

Em ambos os Diálogos, teoreticismo e empiria se fundem (DUNCAN, 2004, p. 101), tornando os elementos paisagísticos emissários de questões epistemológicas, de não neutralidade, de intencionalidades camufladas, conceitos que dão sustentação tanto ao modelo político sonhado por Platão quanto ao pesadelo que lhe corresponde, a Atlântida. Pretendemos demonstrar como a narrativa puramente ficcional e a reflexão essencialmente filosófica encontram na construção da paisagem seu mais poderoso meio de sustentação.

A paisagem mítica que se encontra em ambos os textos platônicos contém elementos que consignam processos sociopolíticos, ideologias e transferência cultural (de conhecimentos adquiridos via tradição, assimilados, e em construção). Esses elementos não são artefatos observados e registrados, meros dados (arquivísticos) com os quais o filósofo compõe o cenário de uma fábula. Trata-se de afirmações abstratas e teóricas; uma interpretação do mundo; uma severa crítica a Atenas, *pólis* bem real, que está sendo analisada à custa do mito. Os principais agentes de ambos os relatos não são exatamente os atlantes, mas os processos sociais colocados em foco. A ênfase do *Timeu* incide sobre os aspectos geográficos e urbanísticos da ilha; o *Crítias* enfatiza os aspectos sociais e políticos daquela civilização.

Sabemos que não há nenhuma neutralidade de Platão, em relação à política; ao contrário, há grande comprometimento de cada

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

escrito platônico, quanto à orientação teórico-filosófica da obra como um todo. Para focalizar um aspecto específico do sistema narrativo em que aparece ficcionalizada a utopia atlântica, temos de lidar, por conseguinte, com detalhes e sutilezas, voltar à discussão sobre o real e o fictício, o verdadeiro e o falso, a reprodução e a mimesis.

A leitura das paisagens ficcionais, como se verá, ajuda a refazer a relação entre os dados e as teorias a que elas se ligam. Quando focalizamos a paisagem, temos condições de levantar campos discursivos (*idem*, p. 103), organizados em rede. Tais campos correspondem a diferentes estratos textuais, discerníveis como “discursos opostos constituídos por um conjunto de narrativas, conceitos e ideologias relevantes para um domínio particular de práticas sociais”. A percepção dos campos traz a reboque o método para a abordagem da paisagem ficcionalizada.

1. Rastreado um continente epistemológico

No caso do mito platônico da Atlântida, esses campos são nítidos, caracterizados pelas áreas acadêmicas que ao seu redor se agregaram:

1.1. Campo arqueológico:

Diversas foram as localizações hipotéticas do território da submersa Atlântida:

- a) na Creta minóica: a Ilha dos feácios descrita por Homero, no canto VI da *Odisseia*;
- b) na Troia homérica (apesar de ser muito diferente da Troia de Schliemann e de Dörpfeld, exumada em Hissarlik⁴);
- c) na América do Sul – identificada no deserto peruano de Ocucaje, perto da cidade de Ica, onde foram encontrados vestígios de uma civilização com um alto nível cultural e técnico (Mattievich:1992). O físico peruano residente no Rio de Janeiro identificou a liga de ouro e prata avermelhada com gotas de cobre, empregada na confecção de alguns objetos encontrados no Palácio de Chavin de Huantar, com o

⁴ Nome do sítio arqueológico turco onde se situa a antiga Troia ou Ílion.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

oricalco atlante. A partir daí, desenvolveu toda uma teoria sobre as viagens transatlânticas dos gregos e sobre um possível erro de Platão, ao situar o desaparecimento de Atlântida por volta do ano dez mil a. C.

Como Platão não era arqueólogo, é plenamente aceitável ter situado a ilha submersa pela catástrofe vinda do céu no Atlântico.

1.2. Campo geológico

As pesquisas desenvolvidas pela geologia, além de uma miríade de hipóteses (SCOTT-ELLIOT, 1995), aproximam principalmente as descrições platônicas de dois lugares específicos:

- a) o arquipélago ao largo de Gibraltar;
- b) a Ilha de Santorini. Aqui o arqueólogo grego Spyridon Marinatos e Jacques Cousteau descobriram a “Pompeia da Idade de Bronze”. Uma gigantesca erupção do vulcão teria sido a causa do desaparecimento da civilização minoica, em meados do 2º milênio a. C.

Mas Platão situa o acidente nove mil anos antes de Sólon, o que entra em choque com os achados arqueológicos, compatíveis com a data da última grande erupção vulcânica ocorrida na ilha, em 1613 a. C. E seu relato sofreu equívocos de leitura, como o que enganou a muitos que situaram a cidade excelente entre a Líbia e a Ásia, por terem lido que ela se situava “a meio caminho” (“méson”), quando no texto fixado muito tardiamente, a palavra era “meídzon”, significando “maior” (que a Líbia e a Ásia).

A inconsistência cronológica e o erro linguístico aprofundam a desconfiança no campo geológico rastreado sem bases documentais.

1.3. Campo histórico

A fábula do cataclisma responsável pelo desaparecimento de uma grande civilização pode ter fundo histórico, se se levar em conta o desaparecimento de Heliké, cidade do Peloponeso, descrito ou referido por grande número de autores antigos – Teofrasto, Políbio, Diodoro, Estrabão, Pausânias, Proclus, Ovídio, Sêneca, Plínio... Heliké, como a cidade vizinha, Boura, foi “engolida” num terremoto. Platão tinha 55 anos àquela época (373/372 a. C.) e tomou conhecimento da

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

catástrofe. A associação do fato a um castigo do “alto” é, sem dúvida, invenção platônica, sob o influxo da decadência política de Atenas.

Ambos os Diálogos aqui em foco foram escritos por volta de 355 a. C, após o fracasso da segunda Confederação Ateniense. A veracidade histórica dos textos é o que menos interessa, uma vez que tudo o que diz respeito à Atlântida é apresentado, em ambos os textos platônicos, de forma intencionalmente lacunar, a começar pela fonte, que se desloca continuamente: (1) Crítias ouviu a fábula de seu avô, também (2) Crítias, o Velho, o que (3) Sólon testemunhou ter recebido de (4) um sacerdote de Neith (nome egípcio de Atená ou Gaia⁵) e transmitido a (5) Timeu e Hermócrates, que repetiram o relato perante (6) Sócrates no *Timeu*, e (7) Críticas reproduz no diálogo que leva seu nome.

O percurso labiríntico da informação tem por objetivo dificultar as comprovações e desfazer os rastros que a tornem campo de abordagem científica. É no campo da efabulação que o assunto recebe o melhor tratamento.

As personagens, por sua vez, são interlocutores que provavelmente jamais se encontraram: Timeu de Locres, um grego da Lócrida (atual Itália), não tem existência histórica comprovada; Hermócrates, general siracusano, que deixou sua cidade quando esta se democratizara, venceu Atenas em 413 a. C.; Crítias era primo de Platão e foi o mais célebre dos Trinta Tiranos que se haviam instalado no poder após a derrota de Atenas perante Esparta. Morreu de forma violenta em 403 a. C. Por esse aspecto, pode ser considerado um “diálogo de mortos”, de interlocutores reunidos pela imaginação de um diretor cênico.

Quanto à forma textual, o tema é abordado de forma bastante breve no início do *Timeu*, e depois retorna no *Crítias*, diálogo talvez deixado intencionalmente incompleto. A frase de abertura deste último explora, inclusive a dimensão ausente: remete a lago acontecido nas vésperas (a discussão apresentada na *República*). O único elemento que não comparece na recapitulação da conjectura sobre a cidade justa é a gestão do Estado por filósofos. No mais, há um parale-

⁵ Na mitologia egípcia, Neith é uma deusa arcaica, pré-dinástica, da guerra, à qual se atribui a invenção da mitologia.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

lismo evidente entre a *República* e o *Timeu* (ambos acontecidos durante festas públicas, versando sobre questões políticas, que são tratadas à luz do mito). Ocorre, todavia, que Platão transfere para a história a análise normativa empreendida na *República*. Mas a obra de fundo histórico é encarada como mito (*Timeu*, 26d), operação inversa ao que se verifica na *República* (obra de fundo imaginativo e mesmo mítico, encarada como projeto político para implementação efetiva). Os cidadãos e a cidade que na noite anterior eram hipotéticos (em certo sentido, futurísticos) e constituem o conteúdo da *República*, são encarados, no encontro atual, *epì t'alethés* (à vera)⁶.

Outros aspectos desestabilizam a credibilidade do relato, anunciado como estranho, mas tido como verdadeiro (*Timeu*, 20d); nascido de fontes egípcias, mas também transmitido oralmente (idem, 24a-27b); rico em detalhes, mas demandante de esforço de memorização (26 a); redigido em grego por Sólon, no diálogo, uma figura fictícia e um ficcionista, cujas notas se encontravam sob a posse da família de Crítias. A própria Atenas que o relato descreve é uma ficção, a Atenas primitiva, anterior à submersão, mas é mais importante que a Atlântida, tida como histórica, detentora de poderosa armada e de soldados. Há outros antagonismos (DROZ, 1997, p. 150) bastante úteis à abordagem ficcional do tema: enquanto a história de Atlântida se constitui como uma torpeza topológica (nasce de uma investida mágica sobre as águas e desaparece na fratura do tecido geológico, mediante o cataclisma), Atenas arcaica é um espaço (coisa que Calípolis, na *República*, não é) que prenuncia a “cidade dos Magnetos” concebida nas *Leis*.

A partir dessas coordenadas escriturais, Platão constrói a imagem de duas paisagens que rivalizam em suas excepcionalidades. A Atenas originária e primitiva é uma imensa acrópole, unificada (diferente da Atenas que Platão conheceu) em torno de um santuário dedicado a Atená e Hefestos. Nessa Atenas primitiva partilhava-se tudo sem disputa (o que não acontecia nas assembleias e nos tribunais democráticos). A cidade absolutamente terrestre é guardada por

⁶ A *República* vai abstratizando a tal ponto o alcance de suas considerações, que, no livro X, descreve o além-túmulo. Ao longo do *Timeu*, como numa contrapartida ao método do diálogo anterior, enquanto se trata sobre física, multiplicam-se os avisos de que nada daquilo é mito.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

um único cinturão; há uma única cifra: o número de guerreiros; uma única fonte, de jorro inesgotável. Administra a si e a toda a extensão que ela tem sob seu poder. A Atenas primitiva está fora da história e, ao mesmo tempo, dentro dela, como pura alteridade, total diferença, na perspectiva platônica em relação à realidade que lhe é contemporânea.

A Atlântida, em seu esforço imperial supremo, imensa (abrange todo o mundo mediterrâneo), é um reino aquático: tudo nela é duplo – canais, pontes exuberantes, as fontes de águas frescas e tibias. Trata-se de uma talassocracia. Seus habitantes tinham uma potência advinda da autoctonia (que os atenienses atuais se atribuíam). Como filhos da ninfa Clito e do deus Poseidon, tinham algo de divino e de humano: a preponderância do elemento humano sobre o divino, na raça atlante, causa a degeneração de Atlântida. Tudo nos atlantes é excessivo: a riqueza fabulosa, a cupidez, a ambição. A Atlântida se constitui como domínio do ilimitado, um império de *hýbris*, uma utopia negativa. O planejamento urbanístico e a infraestrutura espetaculares justificam o fascínio daquele lugar, edificado em 5 cinturões concêntricos, com múltiplos canais de comunicação, um porto triplo (o oposto da acrópole austera e militar que era a Atenas arcaica). Essa civilização superpopulosa é um mundo de oposições, em relação à Atenas primitiva.

Há, todavia, uma dificuldade cronológica (provavelmente intencional) que bloqueia as correlações automáticas: Atenas, pelos números platônicos, seria mil anos mais antiga do que Sais, cidade egípcia fundada por Neith. Como os hieróglifos poderiam conservar a descrição e o relato da fundação da Atenas primitiva?

1.4. Campo literário

A natureza do relato platônico, por conseguinte, que não é histórica, nem se confunde com uma filosofia da história, deve ser visto como um pastiche da história. Nos dois Diálogos em foco, encontra-se uma Atenas pré-histórica que Platão preferia à Atenas imperialista, tal como se constituiu após a vitória contra os persas, e para qual a Atlântida serve como referência alegórica perfeita. As similaridades entre a Atenas em que Platão viveu e a Atlântida são mui-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

tas: enquanto uma foi dividida em dez tribas por Clístenes, a outra se divide em 10 partes, conforme os cinco pares de gêmeos que lhe a administraram desde o princípio; se a fonte de prata do Láurion é uma fonte de riqueza ateniense no séc. V a. C., o oricalco é a matéria prima que lhe corresponde, entre os atlantes; o caráter fabuloso de Atlântida é tributário dos relatos de Heródoto sobre outros impérios remotos – Babilônia, Susa e Ecbatana – que fascinaram seus leitores, enquanto Atenas teve em Péricles o mais competente propagandista do Império ateniense. Assim Platão, o inimigo dos poetas e dos mitos, admitiu-se confeccionando o antimito da cidade todopoderosa, mimetizando a real e por ele reprovada Atenas democrática.

Platão fazia pastiches excepcionais (cf. *Menexeno* e *Fedro*). A presença de tal aptidão, tanto em textos fundamentais quanto nas obras menores, é a prova de que Platão não escrevia como historiador. Platão afirma que a Atlântida sucumbiu às águas punitivas de Zeus. Mas isso não faz de Platão um mero mitógrafo.

A Atlântida platônica não deixou de ser, por conseguinte, a caricatura da Atenas que condenara Sócrates à morte e se preparava para sucumbir às tropas de Filipe da Macedônia. Este foi o oráculo certo enviado a uma *pólis* que já não acreditava em deuses, nem mesmo no *lógos* em prosa dos filósofos, dos sofistas e dos oradores.

2. Recolhendo signos do percurso

Ao retomar duas vezes o mesmo tema, em paralelo ao principal Diálogo de sua obra (a *República*), Platão assinala o fato de que a narrativa sobre a Atlântida, entre a história social de Atenas e a doutrinação político-pedagógica, é a anti-história de um modelo nacionalista que soçobrou e pelo qual Platão lamenta. As imagens fundamentam sua radical oposição através dos elementos terra (Atenas) e água (Atlântida), que pontuam a construção do relato platônico.

O enredo fabricado pelo filósofo se aproveita de elementos de várias ordens, aplicados à urdidura de uma utopia (Calópolis), que representaria não a negação, mas a imagem em negativo da Atenas originária. O enfoque, por isso, não pode ser histórico, mas de ciência política, e atinge o seu efeito máximo lá onde poderes, valores e contravalores entram em confronto. Esses discursos, que se entrecru-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

zam na paisagem concebida, não apenas matizam o cenário, mas sustentam a “estrutura de inteligibilidade na qual todas as práticas são comunicadas, negociadas e desafiadas” (DUNCAN, *op. cit.*, p. 104).

A qualidade da estruturação imagética e textual, na introdução do *Timeu* e em todo o *Crítias*, deve, e muito, à “maneira como a paisagem reproduz códigos de significação que estão presentes em outras áreas do sistema cultural” (idem: *op. cit.* 109). Ambas – paisagem Atlântida e textos – contêm uma retórica da paisagem.

A pergunta que Duncan formula – “Como os códigos se transformam quando são transferidos da forma literária para a forma icônica?” – se complexifica, nas práticas literárias, pois, literariamente, o percurso é inverso. Da forma icônica imaginada à forma literária, o texto se sobrecodifica imagológica e iconologicamente (Gombrich, Panofsky, Barthes), remetendo às relações de poder, à tropologia (figuras de linguagem, paralelismos, paródias, estilizações etc...), à semiologia (paisagem como texto) e à intertextualidade. A cada código incorporado na equação paisagística do texto corresponde uma problemática, uma simbologia, uma questão. É impossível não pensar no estrangeiro, no regime higiênico, na seletividade excessiva e generalizada como questões imperativas, em Atlântida/Atenas.

O vigor deste mito platônico se confirma não apenas por ter atravessado eras, mas por continuar gerando discussões, teses, versões renovadas e atender à necessidade de efabulação poética, à reflexão filosófica e à curiosidade científica.

Isso se deve certamente a Platão, que moldou uma fábula misteriosa sobre questões importantes para todas as sociedades: a origem do mundo, o aparecimento e o colapso das civilizações, a irrupção da barbárie na história.

Tais questões cruzam com diversos temas lendários plenamente desenvolvidos no sistema mitográfico grego, mas também presentes em outras culturas: (1) o mito da idade de ouro; (2) a autoctonia dos atenienses; (3) a destruição periódica da humanidade; (4) o Estado ideal; (5) a paridade entre os sexos etc... O mesmo acontece em relação à assimilação de temas históricos (como a transposição das guerras greco-persas para o confronto entre atlantes e atenienses).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Elementos de mitocrítica, narratologia e história da literatura tornam evidentes as variantes de um mito grego cujo substrato político e cosmológico abriu para inúmeros continuadores um espaço imaginário feito de contradições e de licença poética.

A fábula dos incríveis atlantes não cessa de se reatualizar em escritos de viagem, contos românticos e/ou fantásticos, romances de aventuras e até em textos de ficção científica. Nesse particular, é inescapável um último comentário: com o mito da Atlântida, Platão pode ser apontado como o inventor da ficção científica. E o *Crítias*, como uma excelente roteirização da *República* para o cinema, que Platão não conheceu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNES, Trevor J. & DUNCAN, James S. (Eds.). *Writing worlds: discourse, text & metaphor in the representation of landscape*. London & NY: Routledge, 1992.

BARTHES, Roland. Rethoric of the Image. *Image, Music, Text*. Trad. Sl. Heath. New York: Hill and Wang, 1977.

_____. *O império dos signos*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

DROZ, Geneviève. *Os mitos platônicos*. Trad. Maria Auxiliadora R. Keneipp. Brasília: UnB, 1997.

DUNCAN, James. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Trad. Laura F. de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCRIER, Chantal. *Le mythe littéraire de l'Atlantide (1800-1939): L'origine et la fin*. Grenoble: Université Stendhal, 2004.

FRUTIGER, Perceval. *Les Mythes de Platon*. Étude philosophique et littéraire. Paris: Librairie Félix Alcan, 1930.

GOMBRICH, E. H. *The Essential Gombrich*. Londres: Phaidon, 1996.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

GINSBURG, CARLO. *Mitos, emblemas, sinais - Morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

LIMA, Luiz Costa. Ficção. In: _____. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006, p. 167-291.

KOYRÉ, Alexandre. *Introduction à la lecture de Platon*. Paris: Gallimard, 1962.

MATTIEVICH, Enrico. *Viagem ao inferno mitológico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1992.

PANOFSKY, Erwin. *Estudos de Iconologia*. Trad. O. B. de Souza. Lisboa: Estampa, 1995.

PLATÃO. *Timeu e Crítias ou a Atlântida*. Trad., introd. e notas Norberto de Paula Lima. São Paulo: Hemus, [s.d.].

PLATON. *Timée; Critias*. In: _____. *Sophiste – Politique – Politique – Philèbe – Timée – Critias*. Trad., notices et notes Emile Chambry. Paris: Garnier, 1969, p. 377-493.

SCOTT-ELLIOT, W. *Atlântida e Lemúria, continentes desaparecidos*. Trad. Rubens Rusche. São Paulo: Pensamento, 1995.

SZLEZAC, Thomas A. *Reading Plato*. London & NY: Routledge, 1999.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *Atlântida: Pequena história de um mito platônico*. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: UNESP, 2008.